

## Parte I – Fundamentos de fenomenologia da percepção

### 3. Fenomenologia e gestaltismo na teoria da percepção de Merleau-Ponty

Danilo Saretta Verissimo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VERISSIMO, D. S. Fenomenologia e gestaltismo na teoria da percepção de Merleau-Ponty. In: *Escritos sobre fenomenologia da percepção: espacialidade, corpo, intersubjetividade e cultura contemporânea* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2021, pp. 99-135. ISBN: 978-65-5714-048-2. <https://doi.org/10.7476/9786557140482.0005>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 3

## FENOMENOLOGIA E GESTALTISMO NA TEORIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY<sup>1</sup>

### 3.1. Introdução

Há muito se reconhece nas questões relativas à percepção uma via privilegiada de acesso a grandes temas da experiência humana, como a consciência, o conhecimento, a ação, a estética e a vida em sociedade. Constatam-se, ademais, desde o século XIX, como dizíamos na introdução deste livro, avanços científicos consideráveis no campo de estudos acerca da percepção, especialmente em áreas como a psicologia e as neurociências, o que realça os problemas de

---

1 Este capítulo é composto de passagens e ideias desenvolvidas em três estudos de nossa autoria voltados ao problema da percepção em Merleau-Ponty. A base do texto advém de artigo publicado na revista *Memorandum*, e intitulado *Fundamentos estrutural-fenomenológicos da percepção a partir de Merleau-Ponty* (Verissimo, 2019a). A ele combinamos elementos do texto intitulado *Merleau-Ponty e uma fenomenologia estruturalista da percepção* (Verissimo, 2019b), publicado no livro *História da psicologia fenomenológica*, organizado por M. Massimi e S. Peres e, antes, apresentado no VIII Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), realizado na UFSCar entre os dias 16 e 19 de outubro de 2017. O terceiro texto ao qual recorreremos na elaboração do presente capítulo intitula-se *A teoria do corpo cognoscente em Merleau-Ponty* (Verissimo, 2016b), publicado no *Compêndio Merleau-Ponty*, livro organizado por I. Caminha e P. Nóbrega.

ordem filosófica relativos à função perceptiva. Nos dias de hoje, quem opta por se consagrar à sistematização dos aportes conceituais e experimentais, científicos e filosóficos, referentes à percepção, depara-se com um cenário complexo e diversificado, repleto de diferenças e convergências que precisam ser identificadas e analisadas. Quando iniciava suas pesquisas filosóficas, na França da década de 1930, Merleau-Ponty viu-se diante de um panorama bem semelhante, e decidiu dedicar-se, logo de saída, ao problema da percepção. Não é falso afirmar que, de maneiras diversas, toda sua trajetória filosófica foi devotada às questões da percepção. E não simplesmente da percepção, mas da percepção do corpo próprio, o que se pode compreender como a necessidade de investigar a experiência perceptiva que temos do nosso corpo, e, igualmente, o corpo próprio como sujeito da percepção.

As reflexões de Merleau-Ponty em torno da percepção são marcadas pela fenomenologia e pela psicologia gestaltista. Com isso em mente, discutimos, nas malhas deste capítulo, as bases de uma concepção estrutural-fenomenológica da percepção em sua obra. Nosso foco são investigações do filósofo acerca da organização perceptiva, mais especificamente sobre a relação entre a propriedade objetivante e presentativa da percepção e sua articulação com o fundo perceptivo. Nossa orientação metodológica apoia-se, inicialmente, na comunicação, presente na filosofia de Merleau-Ponty, entre a concepção fenomenológica de horizonte perceptivo e do princípio gestáltico de figura e fundo. Esta via de investigação foi, recentemente, reforçada por Colonna (2014), cujo trabalho baseia-se no entendimento de que a lógica dos desenvolvimentos mais próprios da filosofia da percepção merleau-pontiana não deve ser atrelada apenas à teoria husserliana da percepção, mas, igualmente, ao conceito de *Gestalt* e às contribuições experimentais da psicologia gestaltista. Nesse sentido, nosso ponto de partida é mostrar que, em Merleau-Ponty, os fundamentos fenomenológicos referentes ao sujeito corpóreo e à transcendência da coisa e do espaço percebidos, que se integram na categoria fenomenológica da intencionalidade, possuem correspondência com o domínio conceitual da estrutura figura e fundo. Antes

de realizarmos a análise conceitual dessa correlação, revisitamos aspectos históricos relativos à aproximação de Merleau-Ponty com a fenomenologia e com a psicologia gestaltista. Em seguida, examinamos a crítica à hipótese de constância, ponto central da evolução histórica da noção de forma, o que nos permite estabelecer, juntamente com Merleau-Ponty, uma dimensão de impercepção própria da organização perceptiva. Esta análise revela o caráter positivo exercido, na percepção, pelos elementos que recuam como fundo da manifestação perceptiva. Abordamos, com base nisso, o papel do corpo como sistema de referência fundamental. Por fim, tratamos dos aspectos dinâmicos, ou funcionais, da percepção, com o intuito de circunscrever certos critérios básicos que orientam o ato intencional eletivo de referência a alguma coisa. Nosso ponto de chegada é uma hipótese de trabalho que se refere ao papel da intersubjetividade na percepção.

### 3.2. O projeto de pesquisa sobre a percepção

Os documentos em que Merleau-Ponty (1996a) apresenta seu projeto de pesquisa de doutorado constituem fontes importantes para a investigação da gênese do seu pensamento. Podem ser úteis, outrossim, para uma aproximação ao seu universo de questões.

Merleau-Ponty (ibidem, p.17), no início das suas pesquisas, propõe “um novo estudo da percepção”, levando em conta o desenvolvimento das pesquisas filosóficas e experimentais do seu tempo. Seu *Projet de travail sur la nature de la perception* [Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção], datado de 1933, é introduzido da seguinte forma: “Pareceu-me que, no estado presente da neurologia, da psicologia experimental (particularmente da psicopatologia) e da filosofia, seria útil retomar o problema da percepção e particularmente da percepção do corpo próprio” (ibidem, p.11). Já se nota, aqui, o lugar central que a corporeidade ocupará nos estudos de Merleau-Ponty sobre a percepção. Mas convém destacar, por ora, a importância dada pelo então jovem filósofo, em

seu “Projeto de trabalho”, principalmente na sua versão de 1934,<sup>2</sup> à fisiologia e à patologia da percepção, à filosofia da percepção e à psicologia da percepção.

No campo da fisiologia do sistema nervoso e da psicopatologia, o filósofo já se endereça aos trabalhos de Kurt Goldstein,<sup>3</sup> neurologista alemão, membro notável da biologia globalista, referida no capítulo anterior, e que inclui autores como Weizsäcker e Buytendijk. Goldstein seria um dos autores mais citados por Merleau-Ponty em seus dois primeiros livros, *La structure du comportement* [A estrutura do comportamento] (Merleau-Ponty, [1942]/2006a) e *Phénoménologie de la perception* [Fenomenologia da percepção] (Merleau-Ponty, 1945). Malgrado a importância da fisiologia e da psicopatologia para o estudo da percepção, Merleau-Ponty (1996a, p.19) reconhece, contudo, que elas não poderiam servir como “fio condutor” das investigações. Seria necessário o recurso a ideias diretrizes acerca da percepção.

O filósofo, ainda em formação como pesquisador, encontra essas indicações na fenomenologia e na *Gestaltpsychologie*, que correspondem à filosofia e à psicologia da percepção referidas anteriormente como eixos do seu “Projeto de trabalho”. Dois aspectos da fenomenologia husserliana são evidenciados em sua proposta de pesquisa. Primeiramente, a importância da redução fenomenológica, ou seja, da passagem da atitude natural, em que repousa toda ciência

---

2 O texto de 1933, intitulado *Projet de travail sur la nature de la perception* [Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção], composto de apenas três páginas, foi apresentado por Merleau-Ponty à Caisse Nationale des Sciences para obtenção de subvenção à sua pesquisa. O texto de 1934, elaborado em mais de vinte páginas, e intitulado *La nature de la perception* [A natureza da percepção], foi apresentado à mesma instituição como relatório do primeiro ano de trabalho, além de atender ao propósito de embasar o pedido de renovação do fomento. Referimo-nos ao conjunto desses dois textos como “Projeto de trabalho”.

3 Foi publicado, não há muito tempo, o livro intitulado *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia*, organizado por Silva (2015). O livro é composto de artigos dedicados à interpretação da obra do neurologista, e se nota que muito dos textos ali apresentados são perpassados por análises das referências de Merleau-Ponty a Goldstein.

positiva, inclusive a psicologia, à atitude transcendental. Este seria o ponto de demarcação fundamental entre as análises fenomenológicas e as análises psicológicas da percepção. O outro aspecto refere-se à imbricação entre a fenomenologia e a psicologia. As análises fenomenológicas possuem consequências para a psicologia, avalia Merleau-Ponty (ibidem). Não se trata, segundo ele, de se conceber uma espécie de “invasão” (ibidem, p.22) do território psicológico por parte da filosofia, mas de se reconhecer o potencial renovador, para os métodos próprios à psicologia, de análises que possam esclarecer “essências fundamentais” (ibidem, 1996a, p.23), como as ideias de representação, lembrança, percepção, imaginação etc. Merleau-Ponty finaliza sua exposição sobre a fenomenologia com a seguinte afirmação, na qual se remete às conclusões de um trabalho escrito por Aron Gurwitsch:<sup>4</sup> “Pôde-se sustentar que as análises de Husserl conduzem ao limiar da *Gestaltpsychologie*. Enfim, denomina-se ainda fenomenologia, em um sentido bastante largo, toda psicologia ‘descritiva’” (ibidem, p.23). Atesta-se, nessa consideração, uma disposição para o estudo do entrelaçamento da fenomenologia e da psicologia, especialmente a psicologia gestaltista. Conforme o texto do jovem Merleau-Ponty, esta psicologia seria inspirada na fenomenologia.<sup>5</sup> Mas e se a filosofia pudesse ser enriquecida, ou mesmo orientada, pelo dispositivo gestaltista? O conjunto da obra merleau-pontiana pode ser lido nesse sentido (Colonna, 2014). Veremos, mais adiante, a importância e as dificuldades da posição de Merleau-Ponty entre a filosofia e as ciências.

---

4 Gurwitsch, A. (1929). Cabe comentar a importância dos trabalhos de Gurwitsch para o desenvolvimento das pesquisas de Merleau-Ponty. Letão de origem judia, Gurwitsch, diante da ascensão do nazismo na Alemanha, refugiou-se na França. Lecionou em Paris entre 1933 e 1937. Merleau-Ponty frequentara seus cursos, na Sorbonne, sobre a psicologia da *Gestalt* e sobre fenomenologia da percepção. Segundo informações apresentadas por Pintos (2005), foi Gurwitsch quem chamou a atenção de Merleau-Ponty para a simbiose entre a fenomenologia e a psicologia da *Gestalt*, razão pela qual deveríamos estranhar a raridade das menções que o filósofo francês faz ao seu professor.

5 Vale mencionar que se atribui à psicologia da *Gestalt* a alcunha de *fenomenologia experimental* (Colonna, 2014).

A maior porção do “Projeto de trabalho” é, com efeito, consagrada à psicologia da *Gestalt*. O próprio autor afirma ter dedicado grande parte de suas pesquisas iniciais à *Gestaltpsychologie*. O postulado da “antiga psicologia” acerca da percepção assenta-se nas sensações como dados primários da consciência e no pressuposto de que elas correspondem, ponto a ponto, às excitações locais dos aparelhos sensoriais. Uma determinada excitação acarretaria sempre uma mesma sensação. E, na ausência de estimulação, não poderia haver sensação. Como pensar, nessa conjuntura, o fato ordinário de que tudo que vemos expõe-se apenas parcialmente e, sempre de forma renovada, sob múltiplos aspectos? Não sou estimulado pela parte da minha mesa que repousa sob um livro, no entanto não considero ver uma mesa incompleta (Koffka, [1935]/1975). A iluminação do cômodo pode variar, mas não me engano sobre a cor do livro ou da mesa que permanece constante. Para a psicologia tradicional da percepção, nossa efetiva experiência perceptiva das mais variadas coisas, como objetos tridimensionais localizados no espaço, instrumentos, imagens, melodias, pessoas etc., dependeria de que as sensações fossem elaboradas por funções superiores, ou não sensoriais, tais como a memória e o julgamento. Seria necessário, portanto, que houvesse um processo cognitivo de transição da matéria à forma, do mosaico de sensações subjetivas à percepção de objetos e tudo o mais. Merleau-Ponty jamais cedeu a essa doutrina. Desde o “Projeto de trabalho”, o filósofo apegava-se à ideia de *Gestalt*, fundamento da nova psicologia experimental alemã do início do século XX, e que estabelece uma “organização espontânea do campo sensorial” (Merleau-Ponty, 1996a, p.25), que garante nosso contato direto, não com uma série desordenada de qualidades sensitivas, mas com um “conjunto de objetos distintos” (ibidem, p.25), destacados primeiramente pelo fato de se apresentarem segundo a estrutura de figura e fundo. Isso implica, de modo geral, uma contestação da separação, herdada da tradição, entre sensibilidade e entendimento. Merleau-Ponty sublinha, ao final da sua exposição, o fato de que consequências da ideia de *Gestalt* para a teoria do conhecimento sensível haviam sido extraídas precariamente até aquele momento, inclusive no seio da própria *Gestaltpsychologie*.

Merleau-Ponty decide, portanto, dedicar-se ao estudo do problema da percepção, com base, principalmente, na fenomenologia e na psicologia da *Gestalt*. Esses são alguns dos ingredientes fundamentais para se compreender a trajetória intelectual do filósofo. Não apenas seus primeiros trabalhos, resultados daquele “Projeto”, mas também o restante da sua obra, são marcados pela fenomenologia e pela psicologia gestaltista da percepção.

### 3.3. Contraposição aos formalismos científico e filosófico

A pesquisa de doutoramento de Merleau-Ponty na Faculdade de Letras da Universidade de Paris foi apresentada em duas partes, uma tese complementar, publicada antecipadamente, em 1942, com o título de *A estrutura do comportamento* (Merleau-Ponty, [1942]/2006a), e uma tese principal, publicada em 1945, mesmo ano da obtenção do doutoramento, que consiste na *Fenomenologia da percepção* (Merleau-Ponty, 1945). Algumas das críticas endereçadas a esses dois livros destacam questões referentes ao estilo ou ao método do seu trabalho teórico. Elas visam, especialmente, a condição “anfíbia” do autor, entre a filosofia e as ciências. As discussões em torno desses textos reuniram, com efeito, filósofos e especialistas em psicologia experimental.

O psicólogo Paul Guillaume, um dos introdutores da *Gestalttheorie* na França (Carroy; Ohayon; Plas, 2000), participou da banca responsável por avaliar as teses de doutoramento de Merleau-Ponty (Noble, 2014). Foi, além disso, um dos primeiros a publicar comentários críticos sobre as teses do filósofo (Guillaume, 1946; Noble, 2014). Em sua resenha, Guillaume (1946, p.489) destaca a contribuição de *A estrutura do comportamento* e da *Fenomenologia da percepção* “a grandes problemas de metafísica”. Afirma, igualmente, que “[a] psicologia, com efeito, tem aí um lugar muito importante” (ibidem, p.489). Guillaume (ibidem, p.489), contudo, adverte que Merleau-Ponty não realiza pesquisas experimentais em psicologia:



É do exterior que ele aborda as questões discutidas pelos psicólogos e que critica suas teorias: mas ele possui, em relação a muitos filósofos, a vantagem de ter estudado essas questões de perto; ele está informado das doutrinas contemporâneas, notadamente da *Gestalttheorie*, na qual se inspira bastante, criticando-a ao mesmo tempo.

Esta clivagem entre o homem de ciência, especialista em psicologia, e o filósofo fundamenta a crítica de Guillaume à defesa, por parte de Merleau-Ponty, do retorno descritivo ao fenômeno perceptivo e do abandono do causalismo em psicologia, inclusive na psicologia da Gestalt. Guillaume (ibidem, p.492) comenta: “Para a psicologia – como para toda pesquisa científica – o fenômeno é apenas um ponto de partida”. A tarefa da ciência é situar o fenômeno, no caso, a percepção, em seu “imenso contexto causal” (ibidem, p.492). No que diz respeito à psicologia da Gestalt, Guillaume sustenta a posição da noção de forma como atributo relativo às “leis gerais que determinam as relações de partes com o todo, leis comuns às formas físicas, fisiológicas e psicológicas [...]” (ibidem, p.491). As propriedades de forma, portanto, não pertenceriam exclusivamente aos fatos psíquicos. A análise das estruturas psicológicas, principalmente das formas percebidas na experiência imediata, deveria, naturalmente, levar ao conhecimento dos fatores fisiológicos das organizações gestálticas e, quiçá, ao reconhecimento dos fatores físicos envolvidos na estruturação do campo perceptivo.<sup>6</sup>

---

6 Vale mencionar duas ocorrências curiosas a propósito da passagem de Merleau-Ponty na cadeira de Psicologia da Criança e de Pedagogia da Sorbonne, entre 1949 e 1952, e que reforçam a posição assumida aqui por Paul Guillaume. A primeira relaciona-se a este mesmo autor. Por ocasião do concurso para a vaga obtida por Merleau-Ponty na Sorbonne, Guillaume escrevera uma carta dirigida a um colega envolvido no pleito, e na qual sustentava as melhores qualificações de Ignace Meyerson contra as de seus oponentes. Sobre o filósofo, Guillaume tece os seguintes comentários: “M. Merleau-Ponty é um *metafísico original*, mas não um psicólogo: quero dizer que ele não realizou nenhuma pesquisa pessoal no domínio da psicologia propriamente dita, e não se qualifica, portanto, a um ensino para o qual, você pensa sem dúvida como eu, é necessário ter uma *orientação concreta e positiva*” (Guillaume, documento inédito citado

Esses juízos impõem resistência à exigência epistemológica de Merleau-Ponty ([1942]/2006a, p.147) de explorar a noção de *Gestalt* até suas “mais importantes consequências”.

Em vez de se perguntar que espécie de ser pode pertencer à forma e, revelada na própria pesquisa científica, que crítica ela pode exigir dos postulados realistas da psicologia, insere-se ela entre os acontecimentos da natureza, serve-se dela como uma causa ou uma coisa real, e, assim, não se pensa mais segundo a “forma”. (Ibidem, p.147.)

Se a postura epistemológica, ou filosófica, pode à primeira vista parecer estranha à atividade científica dos psicólogos, é a retomada constante das pesquisas científicas que causa desconforto aos filósofos. Em sessão da Sociedade Francesa de Filosofia em novembro de 1946, ocasião em que Merleau-Ponty apresentara uma conferência acerca das principais teses da *Fenomenologia da percepção*, as arguições de Émile Bréhier e de Jean Hyppolite cindem o trabalho do jovem filósofo em duas partes: uma dedicada à percepção do ponto

---

por Jalley, 2004, p.100 grifos nossos). Quando Merleau-Ponty, mais tarde, deixou a Sorbonne, foi sucedido por Piaget. Em *Sabedoria e ilusões da filosofia* (*Sagesse et illusions de la philosophie*), Piaget (1965), que conhecia as críticas que Merleau-Ponty lhe dedicara, inclusive nos seus cursos da Sorbonne, realiza, por sua vez, uma análise do trabalho do filósofo, além de fazer referência à experiência de sucedê-lo na cadeira de Psicologia da Criança. Piaget (1965, p.36) comenta: “Quanto à *Fenomenologia da percepção*, de Merleau-Ponty, este *ensaio de pura reflexão* não se apoiando quanto aos fatos senão em trabalhos já conhecidos (a psicologia da *Gestalt*), produziu-me uma impressão desconcertante [...]” (grifo nosso). Piaget considera que os resultados de Merleau-Ponty conduzem a um subjetivismo. Mais adiante, no seu texto, referindo-se às correções das primeiras provas que aplicou junto aos alunos que antes tiveram aulas com Merleau-Ponty, escreve: “certos candidatos, sem ter notado que o professor havia mudado, explicavam que Piaget não tinha compreendido nada sobre nada, ‘como provou M. Merleau-Ponty’ [...]” (ibidem, p.37). Anedotas à parte, Guillaume e Piaget revelam sua indisposição a propósito das incursões de Merleau-Ponty na psicologia. Ambos baseiam-se na consideração da psicologia como campo de pesquisas empíricas para minimizar a importância do exercício teórico realizado por alguém que não se dedica diretamente à empiria.

de vista da psicologia e outra dedicada a temas propriamente filosóficos. Daí o seguinte comentário de Bréhier: “Mas, há em Merleau-Ponty um filósofo, e com esse filósofo podemos certamente discutir bastante”. E completa: “M. Merleau-Ponty muda, inverte o sentido ordinário daquilo que chamamos filosofia” (Merleau-Ponty, 1996a, p.73). Duas reprovações são, pois, endereçadas a Merleau-Ponty. A primeira refere-se ao contínuo recurso do filósofo às ciências, notadamente à psicologia. A segunda refere-se ao retorno à percepção, considerada, ao longo da tradição filosófica, fenômeno vulgar que caberia justamente à filosofia desconstruir. Convém lembrar que Guillaume (1946) posiciona-se de modo semelhante em relação a este segundo ponto, embora se coloque na perspectiva do cientista.

Em texto preparado para sua candidatura ao Collège de France, já no início dos anos 1950, Merleau-Ponty (2000a), revendo sua *Fenomenologia da percepção*, defende um regresso “arqueológico” à percepção. Segundo o autor, jamais abandonamos o mundo da percepção, mas este é rapidamente olvidado pelo pensamento crítico, empirista ou intelectualista, permanecendo “enterrado sob os sedimentos dos conhecimentos ulteriores” (ibidem, p.40). A proposta é retornar à nossa forma original de contato com o mundo, com outrem e com nós mesmos. Não basta, contudo, lançar-se à pesquisa numa perspectiva puramente reflexiva. Merleau-Ponty (2000b, p.25-26), em outro texto em que avalia sua trajetória de estudos, e referindo-se ao seu método de trabalho, fala de uma “filosofia concreta”, de uma filosofia “quase experimental”, cuja característica principal é encontrar a intuição no entrecruzamento das “linhas de fatos”, referência aos dados evidenciados pelas ciências. Nas ciências, ademais, Merleau-Ponty, ao contrário do que fazem pensar as asserções de Guillaume, identifica um trabalho de crítica epistemológica autônomo, além de um campo rico em possibilidades filosóficas. O filósofo qualifica a ciência do seu tempo com as seguintes palavras: “[...] mais afastada que nunca de se limitar à indução empírica, mais inclinada que nunca a aplicar suas revisões não somente sobre alguns detalhes do saber, mas igualmente sobre suas categorias mais gerais” (ibidem, p.25). E completa: “É frequentemente nos trabalhos dos

cientistas que encontramos em abundância uma filosofia latente que gostaríamos de explicitar” (ibidem, p.25). Em notas de curso, já no Collège de France, datadas de 1953, Merleau-Ponty (2011) retoma o assunto, e acusa um formalismo filosófico na rígida distinção entre o domínio da filosofia e o das ciências:

[...] sob sua recusa das análises psicológicas, há talvez um formalismo filosófico, a segurança de que a filosofia *possui seu domínio* concebido como um certo território, além do território ôntico. Heidegger dizendo em *Sein und Zeit* que a distinção filosofia-psicologia é imediata: os fatos não podem me ensinar nada, a mim filósofo, a generalidade indutiva pressupõe as essências. Para mim isto é formalismo: os fatos preparados por pressupostos ontológicos da ciência podem apenas me fornecer estes pressupostos, mas o próprio fato “científico” sempre extrapola esta ontologia, eventualmente coloca-a em questão. Em todo caso a filosofia precisa pensá-lo como uma modalidade do existente. (Ibidem, p.47, grifo do autor.)<sup>7</sup>

Filosofia e ciências caminham juntas no pensamento de Merleau-Ponty, e não da maneira tradicional entre os seus iguais, que tratam de arbitrar os conflitos entre o empírico e o transcendental no campo científico. Em sua obra, observamos, de fato, reciprocidade no trato daquelas duas instâncias do saber. O autor se apega, principalmente, a conceitos nascidos na evolução espontânea da psicologia, como a noção de forma, e se aplica a segui-los e radicalizá-los na medida em que vislumbra neles importantes instrumentos de reflexão filosófica.

---

7 O material publicado em *Le monde sensible et le monde de l'expression* [O mundo sensível e o mundo da expressão] é constituído de notas redigidas por Merleau-Ponty (2011) com o objetivo de fundamentar a comunicação oral das suas ideias nos primeiros cursos que ministrou no Collège de France. Malgrado a atenção que fora dispensada à preparação do curso, sua textualização possui um caráter inacabado e indicativo, que pode ser identificado nas citações diretas das quais nos servimos aqui. A redação das notas carece, por vezes, do aperfeiçoamento de um texto que fosse destinado à publicação.

Passemos agora ao exame, de natureza conceitual, da teoria da percepção em Merleau-Ponty. Conforme adiantamos, concederemos atenção à correlação entre elementos de fenomenologia e de psicologia gestaltista da percepção, principalmente ao tratamento dado pelo filósofo ao mote gestaltista da figura e fundo.

### 3.4. Percepção e movimento

Destacamos, inicialmente, um trecho da *Fenomenologia da percepção* (Merleau-Ponty, 1945, p.81-82) em que dois importantes elementos filosóficos para uma concepção da organização perceptiva são apresentados conjuntamente, a saber, a ideia de campo perceptivo e a sua relação com o movimento:

Ver um objeto é ou possuí-lo à margem do campo visual e poder fixá-lo, ou então responder efetivamente a esta solicitação, fixando-o. Quando eu o fixo, anco-ro-me nele, mas esta “parada” do olhar é apenas uma modalidade do seu movimento: continuo no interior do objeto a exploração que, há pouco, sobrevoava-os a todos, em um só movimento fecho a paisagem e abro o objeto. As duas operações não coincidem por acaso: não são as contingências da minha organização corporal, por exemplo, a estrutura da minha retina, que me obrigam a ver a circunvizinhança obscuramente se quero ver claramente o objeto. Mesmo se eu nada soubesse de cones e bastonetes, conceberia que *é necessário adormecer a circunvizinhança para ver melhor o objeto, e perder em fundo aquilo que se ganha em figura*, porque olhar o objeto é entranhar-se nele, e que os objetos formam um sistema em que um não pode se mostrar sem esconder outros. Mais precisamente, o horizonte interior de um objeto não pode se tornar objeto sem que os objetos circundantes tornem-se horizonte e a visão é um ato de duas faces. (Grifos nossos.)

Constata-se que Merleau-Ponty (ibidem) acompanha, em grande medida, as descrições husserlianas da intencionalidade

perceptiva. O filósofo logo atrela a percepção ao movimento, e o campo perceptivo é caracterizado em termos dinâmicos, em referência ao jogo de abertura e fechamento, de fixação e de esquecimento envolvido na percepção de algo. A percepção, com efeito, implica uma potência motora, uma capacidade de adentrar e de explorar a profundidade do mundo percebido. O sistema formado pelos objetos não é o de um mundo objetivo, ou geométrico, que permitiria sua visualização integral, ou ideal, mas o de um campo aberto, em direção ao qual nos projetamos, e no qual a manifestação perceptiva de um objeto corresponde ao encobrimento de outros. Os termos desta relação, a manifestação e o encobrimento, configuram momentos dependentes um do outro, não por acaso, mas por necessidade. Este é o preço da realidade da coisa percebida, afirma Merleau-Ponty (1996a). Se a sua visibilidade depende de um sujeito da percepção presente no lugar perceptível, por outro lado este lugar não se dá completamente a ele. Nota-se que o rompimento da distância entre o sujeito e o mundo percebido, herdada da modernidade, não implica a confusão entre esses dois polos irrecusáveis da manifestação perceptiva. O recuo do objeto percebido e do restante do campo para além das partes imediatamente expostas é condição da percepção, tanto quanto a presença do objeto a um sujeito perceptivo. Ver é sempre ver de algum lugar, a partir do qual um campo sensível se abre, revelando coisas e possibilidades perceptivas.

A cada instante da aparição de uma coisa permanece, pois, havendo mais perfis dela mesma além daqueles atualmente expostos. Merleau-Ponty, associando-se às descrições da percepção por parte de Husserl, refere-se a essa profundidade do objeto como *horizonte interno*, que abarca todas as faces da coisa percebida que não encontram exposição direta nos diversos momentos da sua apresentação. No trecho que destacamos anteriormente, vale frisar, Merleau-Ponty identifica a própria ideia de objeto ao conceito de horizonte interno. É este que se torna objeto de percepção, reforçando a concepção de que tudo que aparece comporta uma dimensão de ausência. No limite, a ausência, tanto dos perfis ocultos do objeto quanto dos outros objetos que compõem o horizonte de mundo, ou

*horizonte externo*, funciona como o grande motivo da percepção e do movimento. Há sempre mais para ver em um campo perceptivo. O horizonte perceptivo, embora se estruture em torno de domínios que não encontram exposição aqui e agora, reenvia a momentos integrados ao objeto percebido e aos seus perfis como possibilidade de experiência perceptiva. Trata-se, em outras palavras, de atrelar a “estrutura de horizonte” (Merleau-Ponty, 1945, p.83) tanto a uma perspectiva espacial quanto a uma perspectiva temporal. A presença do objeto se dá em meio a uma síntese de horizontes perceptivos em que os perfis aparentes se sustentam nos perfis percebidos agora há pouco, tanto quanto naqueles que estão por vir. O *eu vejo* assenta-se, portanto, no *eu posso ver*, dimensão de experiência originária e que contrai elementos sensório-motores, espaciais e temporais. Merleau-Ponty (1996a, p.48) comenta: “o lado não visto [de um objeto] anuncia-se a mim como ‘visível alhures’, ao mesmo tempo presente e apenas iminente”.

Quanto mais distante da circunvizinhança do objeto percebido, no espaço e no tempo, no sentido de experiência possível, mais acentuado fica o caráter presuntivo que marca qualquer percepção. Esta abertura a que está submetida toda coisa percebida é constitutiva da sua “realidade”. Não se trata de um objeto possível ou necessário, como no caso do objeto de um ato intelectual (ibidem). O objeto e o espaço são percebidos na medida em que escapam continuamente ao sujeito perceptivo, configurando sua transcendência em relação a este.

### **3.5. Variações em torno da estrutura figura e fundo**

A percepção ocorre, portanto, como fenômeno de estrutura “objeto-horizonte”, ou, conforme escopo conceitual igualmente adotado por Merleau-Ponty (1945), dessa vez em referência à psicologia da *Gestalt*, como fenômeno de estrutura figura e fundo. No trecho apresentado anteriormente, Merleau-Ponty fala em “perder em fundo o que se ganha em figura”. O recurso do filósofo à psicologia da

*Gestalt* não é um acaso. A relação necessária da figura com o fundo exprime a irreduzibilidade da exposição ambígua e parcial das coisas na manifestação perceptiva (Barbaras, 2001). Merleau-Ponty interessa-se, ademais, pela dimensão científica da noção de *Gestalt*. Na psicologia da *Gestalt*, a teoria da percepção é perpassada pelo recurso ao teste factual das relações entre partes e todos, aspecto essencial na medida em que a estrutura, em qualquer nível, perceptivo, orgânico ou físico, denota uma organização que reúne valor e existência, significado e arranjo contingente de materiais (Merleau-Ponty, [1942]/2006a).

A distinção entre figura e fundo perceptivo é atribuída a Edgar Rubin (Koffka, [1935]/1975). Ela envolve o estudo da “formação de ‘uma figura ‘sobre’ ou ‘dentro de’ outra’” (ibidem, p.188), o que exige, em primeira instância, a investigação experimental das forças figurais, da continuidade do fundo, e da relação de dependência funcional da figura em relação ao fundo. Simondon (2013) resume o inventário realizado por Rubin acerca das diferenças fenomenais entre figura e fundo. Destacamos as seguintes: I) a figura possui uma forma, ou seja, o caráter de unidade, estabilidade e constância de um objeto, enquanto o fundo aparece sem dimensões e estrutura próprias, o que lhe confere a qualidade de indeterminação. Nessa dinâmica, a figura apropria-se do contorno que a distingue do fundo. II) O fundo parece estender-se continuamente por detrás da figura, que, por sua vez, se impõe em plano dianteiro. III) Desse modo, a figura causa maior impressão, sendo mais facilmente recordada e mais apta a sugerir uma significação. Elementos com significação definida, como as palavras da voz humana, impõem-se facilmente como figura e, quando se encontram no plano de fundo, geram certo incômodo perceptivo, justamente em razão da sua tendência a ocupar o lugar figural. IV) Dada uma certa estrutura figura e fundo, a percepção do mesmo campo com inversão dos elementos que ocupam estas funções equivale à uma percepção nova e distinta da primeira. V) A estrutura figura e fundo desenvolve-se temporalmente. Apresentações muito breves de imagens, em taquistoscópio, não permitem a distinção entre figura e fundo.



Levando-se em conta as considerações anteriores, decorre que a estrutura figura e fundo implica a aparição da identidade do objeto, com o correlativo recuo do fundo perceptivo, e que a unidade da coisa percebida se dá como uma “série aberta de experiências” (Merleau-Ponty, 1945, p.270-270) cuja ambiguidade perene sustenta, no limite, todo ato de atenção perceptiva. Os aspectos dos objetos que recaem na percepção implicam apenas uma “parada momentânea no processo perceptivo” (ibidem, p.269-270), posto que configuram, ao mesmo tempo, uma convocação a perceber mais e mais.

Voltemo-nos, justamente, a esta pausa do processo perceptivo, que não é interrupção senão metaforicamente. Podemos denominá-la, juntamente com Merleau-Ponty (ibidem, p.39), como um *ato de atenção*, “a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza o que até então não era ofertado senão a título de horizonte indeterminado”. Seguindo de perto as pesquisas da psicologia da *Gestalt*, Merleau-Ponty (ibidem, p.10) afirma que um dado perceptivo apenas pode aparecer “no meio de outra coisa”, como parte de um campo. Nele, a figura perceptiva, a forma, no sentido da identidade de objeto percebido, não se encontra pré-figurada à espera de um olhar atento que a ilumine. Atentar para um objeto, destacando-o a título de figura, implica uma nova articulação, ou configuração, do campo. Se o fundo, ou horizonte, estende-se além da figura, é apenas na medida em que faz parte do mesmo gênero de ser desta última, nota Merleau-Ponty, o que implica atestar que, pela conversão do olhar, o horizonte pode fazer-se objeto e o objeto recuar como fundo perceptivo. Fazem-se presentes, aqui, elementos da maior importância, referentes à questão acerca do que chamamos de aspectos funcionais da organização perceptiva, que abordaremos adiante com mais detalhes. O que se mostra como condição da percepção é a constituição da estrutura figura-fundo, sem que isso determine a existência de sentidos perceptivos predeterminados. A configuração objetal depende de fatores próprios à relação concreta entre o sujeito da percepção e o mundo circundante. Merleau-Ponty (ibidem, p.153) fala, por exemplo, da dependência que se observa, nos animais, entre a estrutura e o sentido biológico da situação, e,

no caso da percepção humana, do peso das intenções do sujeito que “se refletem imediatamente no campo perceptivo, polarizando-o, ou marcam-no com seu monograma, ou, enfim, fazem nascer nele sem esforço uma onda significativa”. Por outro lado, há de se considerar as forças fenomenais autóctones que agem, por exemplo, no campo visual, impondo o privilégio de constituição de determinadas formas em detrimento de outros componentes do campo, que permanecem operando como fundo da figura percebida. Sabe-se que diversos fatores, como orientação espacial, tamanho relativo, simplicidade e simetria, destacados pela escola da *Gestalt*, agem na articulação da dinâmica entre figura e fundo.

O caráter situado da atividade intencional perceptiva responde à natureza corpórea do sujeito da percepção. A dinâmica de presença e ausência que caracteriza tanto a identidade dos objetos quanto a profundidade do campo do qual eles fazem parte assenta-se na possibilidade de podermos contornar as coisas e explorar o espaço. Esta é a razão para Merleau-Ponty (ibidem, p.97), em concordância com Husserl, chamar o corpo de “pivô do mundo”. A estrutura figura e fundo subentende um terceiro termo, afirma o filósofo: o corpo próprio. Merleau-Ponty (ibidem, p.117) escreve: “toda figura se perfila sobre o duplo horizonte do espaço exterior e do espaço corporal”. Ao invés da estrutura figura-fundo, deveríamos falar, pois, da estrutura fundo-figura-fundo, especificando que, de uma parte, se trata do horizonte corporal, presença tão originária no que diz respeito ao campo perceptivo quanto a identidade de objetos e seus horizontes temporais e espaciais. A localização do corpo no espaço, ponto zero da percepção, e suas modalidades sensoriais e motoras são elementos que, como o fundo perceptivo, são recalçados em prol do direcionamento às coisas e às tarefas que realizamos cotidianamente. Nas palavras de Merleau-Ponty, o espaço corporal é “o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam sua face” (ibidem, p.97), “a obscuridade da sala necessária à claridade do espetáculo” (ibidem, p.117). Seu funcionamento sinérgico e anônimo sustenta nossa “inerência a um mundo” (ibidem, p.97). A versão merleau-pontiana da suspensão do realismo ingênuo, ou seja, da redução

fenomenológica, exigida por Husserl, envolve, justamente, a tematização permanente da intencionalidade corpórea. A este propósito, Merleau-Ponty (ibidem, p.97) observa: “dirigindo-me para um mundo, esmago minhas intenções perceptivas e minhas intenções práticas em objetos que, finalmente, me aparecem como anteriores e exteriores a elas”. Quando o corpo se torna, todavia, foco da nossa atenção prática, tal como quando aprendemos a dançar, a praticar um novo esporte ou quando adoecemos, nossa disponibilidade para as coisas é temporariamente afetada e a corporeidade apresenta sua qualidade de presente inescapável. Já a atenção teórica endereçada a ele, no quadro da suspensão do realismo ingênuo, revela-o como sujeito de toda atividade intencional. Mais adiante, neste capítulo, voltaremos à questão da corporeidade na teoria da percepção merleau-pontiana, munidos, então, de instrumentos teóricos abordados a partir da próxima seção.

Em suma, a percepção de objetos no espaço ocorre em meio a um campo perceptivo, de modo que a manifestação perceptiva de um objeto implica o encobrimento de outros. O recuo do horizonte e das partes ocultas de um objeto evidencia o caráter situado da percepção, além de ressaltar a dimensão de ausência que caracteriza a experiência perceptiva e alimenta o movimento do sujeito percipiente. Com efeito, a percepção fundamenta-se em um poder perceber continuamente, na medida da potência motora do sujeito e da transcendência da coisa percebida. Estes são elementos básicos de uma filosofia fenomenológica da percepção, como vimos nos capítulos anteriores. Na psicologia, faz-se referência à estrutura de figura e fundo da percepção. A atenção focal a uma figura perceptiva representa uma configuração do campo de percepção, e depende de fatores intrínsecos à relação entre o sujeito e o meio circundante. O corpo é parte originária neste processo. A anonímia das funções corporais reforça a ideia, correspondente à estrutura figura e fundo, de que a percepção envolve a experiência da presença além do expressamente percebido.

### 3.6. Crítica à hipótese de constância

Para avançarmos na compreensão da relação entre objeto e horizonte, entre figura e fundo, vale examinar a crítica à hipótese de constância, tema que perpassa as análises realizadas por Merleau-Ponty nos primeiros capítulos da *Fenomenologia da percepção*. Merleau-Ponty, conforme indicamos anteriormente, observa que a psicologia da percepção clássica mantém-se sob influência do dualismo entre sensações, tomadas como matéria da percepção, e fatores subjetivos responsáveis pela produção, ou organização, do tema perceptivo. Este dualismo liga-se à hipótese de constância, pressuposto segundo o qual deve haver “correspondência pontual e uma conexão constante entre o estímulo e a percepção elementar” (Merleau-Ponty, 1945, p.14), quer dizer, entre os estímulos físicos e os dados sensoriais. Em outras palavras, na hipótese de constância subentende-se uma equivalência entre a identidade das sensações e a identidade dos estímulos. A riqueza de formas possíveis de agrupamento perceptivo, tal como experimentada por nós, seria, de acordo com este pressuposto, prova da natureza não sensível da produção do tema perceptivo. Não houvesse produção subjetiva superior, como um ato de atenção ou de julgamento, nossa experiência permaneceria restrita à correlação entre estímulos e sensações. As pesquisas da psicologia da forma, que operam a crítica à hipótese de constância, mostram, todavia, que a atividade perceptiva pressupõe uma organização autóctone das condições do campo sensorial, e não uma determinação de parte por parte, com estruturação devida a atividades superiores.

Esta divergência entre as categorias clássicas e a psicologia estruturalista pode ser esclarecida com o recurso à discussão, entabulada por Koffka (1922), acerca de um problema de percepção exposto por Stumpf (1883<sup>8</sup> apud Koffka, 1922). Considerem-se três estímulos  $a$ ,  $b$ ,  $c$ , em que  $a > b > c$ , e aos quais correspondem três sensações: A, B e C. O exemplo vale para qualquer tipo de estímulo e de sensação.

---

8 Stumpf, C. *Tonpsychologie*. Leipzig: Hirzel, 1883. v.1.

No caso em apreço, a sensação A não pode ser distinguida de B, nem B de C, ao passo que se pode perceber a diferença entre as sensações A e C. Stumpf afirma que, embora pareçam equivalentes, A e B e B e C são distintos em realidade, posto que A, B, e C advêm de estímulos de intensidades diferentes. Parece contraditório, portanto, afirmar-se que  $A = B$ ,  $B = C$ , mas que  $A \neq C$ . A, B e C referem-se, de acordo com Stumpf, a dados de consciência, e não a estímulos, de modo que, em face do paradoxo, se deveria atestar a possibilidade da existência de diferenças dadas entre sensações que, em virtude de *fatores atencionais*, não são percebidas. Nesta linha de pensamento, deveríamos considerar, ainda, sensações não percebidas, a despeito de figurarem como dados de consciência. Para Stumpf, a ideia de sensação não consciente acarreta uma contradição. Toda sensação, em correlação com os estímulos externos, é um dado de consciência, que, contudo, pode não ser percebido.

Koffka (ibidem), ao contrário, mostra que, no problema em questão, há três conjuntos de experimentos: a comparação entre A e B, entre B e C e, finalmente, entre A e C. Segundo ele, só há contradição caso a sensação seja considerada “uma função do seu estímulo isolado” (ibidem, p.538), o que evidencia a conservação da hipótese de constância em sua forma estrita. Se uma sensação, entretanto, for tomada como “função do cenário experimental geral” (ibidem, p.538), a contradição se desfaz. Em vista do cenário experimental, ao estímulo *a* correspondem as sensações  $A_1$  e  $A_3$ , ao estímulo *b*, as sensações  $B_1$  e  $B_2$ , e ao estímulo *c*, as sensações  $C_2$  e  $C_3$ , de modo que  $A_1 = B_1$ ,  $B_2 = C_2$ , e  $A_3 > C_3$ . O retorno à “experiência mesma” (*the experience itself*) (ibidem, p.540) evidencia, no caso dos pares de sensações  $A_1$  e  $B_1$ , e  $B_2$  e  $C_2$ , o que Gurwitsch (1957), que analisa as conclusões de Koffka, chama de experiência plana (*expérience plane*), ao passo que o par de sensações  $A_3$  e  $C_3$  acarreta a experiência de variação. Koffka e Gurwitsch utilizam, no inglês e no francês, respectivamente, as palavras *step* e *décalage* para se referir a esta experiência de movimento. De um lado, temos experiência de repetição, de permanecer em um mesmo *nível perceptivo*. “A experiência plana é de natureza essencialmente estática”, assevera Gurwitsch

(ibidem, p.107). De outro lado, temos experiência de uma escala, ou de uma gradação, com movimento ascendente ou descendente. Em um caso, o estímulo *c* faz parte de um *contexto estático*, no outro, de um *contexto dinâmico*. Koffka encerra a discussão afirmando que a comparação entre sensações não depende, pois, de um ato externo a elas, principalmente porque elas não existem isoladamente. “O que encontramos é um todo indiviso e articulado. Chamaremos estes todos ‘estruturas’ [...]”, afirma Koffka (1922, p.542).

### 3.7. O impercebido

À luz dessas precisões conceituais, temos melhores condições de prosseguir na definição de uma concepção estrutural-fenomenológica da percepção, incluindo, a partir de agora, a ideia de impercepção. A Merleau-Ponty interessa, sobretudo, pensar a produtividade da estrutura, o seu sentido organizador e expressivo, bem como o seu sentido filosófico. Em estudos sobre a percepção espacial, que lhe permitem condições profícuas para o exame desse caráter ordenador, sobressai, justamente, o fato de que o percebido se deixa modelar pela significação funcional das partes em uma dada contextura. É o que se verifica num exemplo relativo à constância da cor percebida, referido pelo filósofo. Observe-se uma folha de papel branco na sombra. O papel não pode ser considerado branco com base em seu gradiente de estimulação física. Isolado do ambiente que o envolve, como quando visado através de um orifício qualquer, teríamos, na verdade, que julgá-lo com base em impressões de cinza. Ele, contudo, em seu contexto concreto, “vale como branco” (Merleau-Ponty, 1945, p.279). Isso porque, afirma Merleau-Ponty (ibidem, p.279), o campo perceptivo é “uma configuração total que distribui os valores funcionais segundo a exigência do conjunto”. A “sintaxe perceptiva” (ibidem, p.45), com efeito, não obedece às regras das relações objetivas. As relações estabelecidas na percepção, ou seja, os sentidos percebidos, como as experiências plana e dinâmica do exemplo anterior, aderem à configuração contextual dos estímulos.

Nenhuma percepção pode, portanto, ser separada do seu fundo, que adquire, no texto merleau-pontiano, a condição de “nível”. Nisso, Merleau-Ponty acompanha Koffka ([1935]/1975, p.265), que, ao tratar dos problemas relativos à constância de cor, apresenta o seu “princípio do nível neutro [*principle of neutral level*]”. Trata-se de afirmar que cada cor percebida depende da *estrutura* ou *nível* de cor, ou seja, da radiação envolvente, e que, ao determinar o nível, o fundo geral “parecerá tão neutro quanto as condições permitirem” (ibidem, p.265). Wolfgang Metzger, outro gestaltista estudado por Merleau-Ponty, fala em “sistema de referência” (*Bezugssysteme*), que é definido da seguinte forma: “o sistema de referência, concernido a cada vez, é em geral tão pouco perceptível quanto sua significação para os objetos que nele se encontram é importante e manifesta” (Metzger<sup>9</sup> apud Colonna, 2014, p.206). Não se trata de considerar o sistema, ou o fundo, como elemento inescrutável, apartado, por princípio, da perceptibilidade, mas de considerar sua visibilidade como não essencial. A natureza do fundo seria, nesse sentido, fantasmagórica (*schemenhaft*). É como se analisa, nos trabalhos dos psicólogos da *Gestalt*, o problema da visibilidade da iluminação. Na qualidade de sistema de referência para as cores das coisas, a iluminação é antes sentida do que percebida. Merleau-Ponty (1945, p.294) escrevia algo semelhante, dessa vez a propósito do nível espacial da percepção, ou seja, de determinações como os planos horizontal e vertical: “é assim que ele [o nível] pode dar magicamente à paisagem as suas determinações espaciais, sem nunca aparecer ele mesmo”. Aqui, Merleau-Ponty acompanha mais uma vez os gestaltistas, que analisam as semelhanças entre o nível de cor e o nível espacial.

Nota-se que o contexto, fundo perceptivo por excelência, e a regra da configuração são definidos como princípios da percepção não tematizados, embora atuantes. Indicações posteriores, por parte do filósofo, caminham nessa direção. Nas já referidas notas de curso no Collège de France reunidas no livro *Le monde sensible et le monde de*

---

9 Metzger, W. [1941]. *Psychologie*. Wien: Verlag Wolfgang Krammer, 2001.

*l'expression* [O mundo sensível e o mundo da expressão], Merleau-Ponty (2011) proporciona novas análises em torno da organização perceptiva, sempre apoiadas na *Gestalttheorie*, embora seja mister mencionar a presença, nestes esboços, de estudos baseados na linguística.<sup>10</sup> A forma de presença perceptiva do sistema de referência, ou do nível, é, então, denominada impercepção (*imperception*), na medida em que funciona, em que possui uma eficácia não tematizada expressamente. Merleau-Ponty (ibidem, p.59) anota: “Toda posição de um em si (figura) pressupõe, lateralmente, posição de um fundo, que, ele, não é objeto, em si – o fundo ou horizonte faz parte da definição do ser”. Quando se tem figura, não se tem o fundo, no sentido de que se deixa o fundo ser sem se pensar nele. É assim que podemos tê-lo. Toda figura exige um “fundo inarticulado”, comenta Merleau-Ponty (ibidem, p.59).

Para Merleau-Ponty (ibidem, p.59), essa discussão importa, igualmente, para o rearranjo da categoria fenomenológica da consciência intencional. Trata-se, segundo o filósofo, de elaborar uma teoria da “consciência indireta ou invertida”. Merleau-Ponty (ibidem, p.61) faz a seguinte anotação: “A consciência como *consciência de qualquer coisa* sempre enganosa ou enganada: ela não é consciência disso senão sendo também consciência daquilo e não assumindo o aquilo. Ela vesgueia [*Elle louche*]” (grifo do autor). A percepção não pode ser resumida, portanto, ao contato sensível com algo lançado diante de nós, um objeto. Ela expressa, antes, a “modulação de um fundo” (ibidem, p.60), sem o qual não há figura, sem o qual nada pode aparecer. Merleau-Ponty (ibidem, p.58) também se refere à função estrutural do fundo, presente a título de impercebido, com menção ao que chama de “mutismo da percepção”. O fenômeno perceptivo pressupõe, portanto, uma dimensão de “significação tácita” (ibidem, p.180). A consciência perceptiva é indireta posto que

---

10 No Capítulo 5, analisaremos de modo mais pormenorizado o material de *O mundo sensível e o mundo da expressão*, inclusive a influência da linguística de Saussure sobre a teoria da percepção merleau-pontiana.



regulada pelo fundo, e invertida na medida em que não se ocupa da explicitação desse fundo.<sup>11</sup>

### 3.8. O corpo cognoscente

Na trama de estudos e discussões sobre a percepção, não deixa de chamar a atenção do leitor de Merleau-Ponty o grau de minúcia dedicada pelo autor aos resultados das pesquisas de psicologia

---

11 Pode ser útil assinalar, tendo em vista o problema da intersubjetividade, que a ideia de impercebido permanece válida em Merleau-Ponty (2011), para a percepção social. O filósofo recorre, por exemplo, às análises de Freud acerca do ciúme, discutindo-as a partir da estrutura figura e fundo. Segundo Merleau-Ponty, na concepção freudiana do ciúme tem-se como figura a rivalidade com um terceiro em face da pessoa amada, e como fundo a rivalidade com a pessoa amada em relação a um terceiro. De acordo com a leitura que Merleau-Ponty realiza da proposta interpretativa freudiana, deve-se tomar a relação de natureza heterossexual como aparência, de modo que o fundo, uma relação homossexual, seja tido como realidade inacessível e inconsciente. A decifração do inconsciente por reversão das aparências constituiria a chave do processo explicativo. Merleau-Ponty entende, por sua vez, que a heterossexualidade e a homossexualidade devem ser compreendidas no âmbito de uma vinculação por implicação recíproca. Não se pode dizer, nessa nova disposição, que a figura e o fundo sejam um mais verdadeiro do que o outro. Merleau-Ponty (ibidem, p.61) faz a seguinte anotação: “Ser heterossexual é ser homossexual mediatamente”. A heterossexualidade e a homossexualidade evidenciam “estruturações possíveis do conjunto figura e fundo” (ibidem, p.61), de modo que a predominância de uma estruturação não implica a anulação da outra, que subsiste a título de fundo. Podemos ter “tanto homossexualidade-figura sobre fundo de heterossexualidade, tanto o inverso”, “como nas figuras ambíguas dos gestaltistas”, completa Merleau-Ponty (2011, p.60). Os organizadores dos cursos publicados em *O mundo sensível e o mundo da expressão* indicam que Merleau-Ponty provavelmente se baseara, para a elaboração dessa discussão, no texto de Freud intitulado *Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität* [Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo], publicado originalmente em 1922. É oportuno observar que a filosofia de Merleau-Ponty vem sendo revisitada com o intuito de embasar discussões sobre gênero e sexualidade. A respeito do assunto, sugerimos a leitura do trabalho de Ayouch (2017), que, além de possuir um caráter propositivo acerca dessas questões, apresenta indicações relevantes sobre a literatura disponível em torno de reflexões sobre gênero e sexualidade com base em Merleau-Ponty.

experimental da percepção. É possível atrelar este exercício do filósofo ao lugar que a distinção entre o que ele chama de “mundo cultural”, ou “mundo humano”, e o “mundo natural”, diferenciação analisada preliminarmente no nosso capítulo anterior, encontra em suas reflexões. Merleau-Ponty (1945, p.31) admite que “quase toda a nossa vida” se passa no mundo cultural. Estamos cercados por utensílios, casas, ruas e, principalmente, pela presença de outras pessoas. As paisagens nos dizem coisas, elas possuem um ar alegre, triste, elegante, grosseiro. No rosto de outrem vemos sua cólera, sua dor ou sua satisfação. Na atitude do grupo é possível compreender as normas tácitas que regem as relações. O sentido humano está por toda parte. Segundo Merleau-Ponty, as teses empiristas da percepção ocultam o mundo humano. Nelas, a fisionomia dos comportamentos, dos rostos, dos objetos culturais deve-se a transferências e projeções de recordações mediadas por associação contingente entre percepções internas e signos exteriores. A consequência dessa posição, afirma o filósofo, é o empobrecimento da percepção, que se torna uma “operação de conhecimento”. Mas não é apenas o mundo cultural que se torna ilusório no sistema empirista. “O mundo natural, por seu lado, é desfigurado e pelas mesmas razões”, escreve Merleau-Ponty (ibidem, p.32). A natureza à qual se refere o empirismo “é uma soma de estímulos e de qualidades” (ibidem, p.33). A natureza, definida dessa forma, não pertence primordialmente à nossa percepção; ela é, ao contrário, um objeto cultural, um artifício do pensamento científico utilizado para explicar a percepção, entre outros fenômenos. Seria preciso, portanto, redescobrir o próprio sentido do mundo natural, que difere do objeto científico. Embora não deixe de operar uma abstração ao se reportar a um mundo natural, Merleau-Ponty considera que esta dimensão pode constituir um tema válido de análise. O filósofo comenta: “[...] todo objeto cultural remete a um fundo de natureza sobre o qual ele aparece [...]. Nossa percepção pressente, sob o quadro, a presença próxima da tela, sob o monumento, a do cimento que se pulveriza, sob o personagem, a do ator que se fatiga” (ibidem, p.32-33). Ao falar de natureza, Merleau-Ponty refere-se, portanto, à nossa relação com o espaço,

com a profundidade, com a iluminação, com a forma das coisas, com a corporeidade de outrem etc. Se, por um lado, circunscreve-se, desse modo, um terreno provisório de análises, artificial em relação à riqueza do mundo cultural, por outro, ficam expostas as vias para se estabelecer os fundamentos do problema da presença das coisas.<sup>12</sup> Há uma estrutura original do mundo percebido que se refere aos aspectos encobertos dos objetos e que contam tanto quanto os aspectos visíveis, ao fundo que continua por trás da figura e participa da configuração desta última, em suma, ao problema de uma presença não sensorial. Ganha forma, pois, um “problema central”, o de compreender a constituição do “ambiente que serve de fundo a todo ato de consciência” (ibidem, p.319). O encaminhamento dado por Merleau-Ponty à questão envolve a compreensão da “coexistência de meu corpo e do mundo” (ibidem, p.290). Com o corpo em discussão adquirem mais sentido as ideias de natureza e de mundo natural. Trata-se, para Merleau-Ponty, de investigar a adesão do sujeito ao mundo, uma comunicação “mais velha que o pensamento” (ibidem, p.294) e mediada pelo corpo.

Vejamos alguns elementos do tratamento dado por Merleau-Ponty ao papel do corpo na percepção. Para tanto, retornemos à questão da iluminação e da constância da cor, a partir de uma variação do exemplo anterior que o filósofo encontra na obra do gestaltista Adhemar Gelb. Imaginem que nos encontremos em um cômodo vivamente iluminado, e que, em um canto sombreado, haja um objeto branco. Se nos posicionarmos na parte iluminada, veremos que a constância do branco do objeto é imperfeita, ou seja, o objeto mal é percebido como branco. Caso nos aproximemos da zona escura, a constância melhora, e fica perfeita caso adentremos a zona sombreada. Nesse caso, a sombra torna-se, propriamente, sombra, ou seja, ela deixa de ser algo a ser visto e passa a nos envolver, enquanto o objeto passa a valer como branco. A iluminação, no caso a sombra,

---

12 Esse recorte provisório do mundo da vida pode ser considerado uma herança da filosofia de Husserl, cujos estudos da intencionalidade perceptiva também se reportam, como vimos, à percepção de coisas, do espaço etc.

é, então, assumida por nós, é tomada como nível, como sistema de referência, ou, conforme outra denominação utilizada por Merleau-Ponty, como norma, enquanto o objeto destaca-se diante de nós. Na qualidade de nível, a iluminação tende à neutralidade como objeto de percepção. Isso quer dizer que ela não é vista em si mesma, mas faz ver. A iluminação, diz Merleau-Ponty (ibidem, p.359), “tende para o zero de cor”; trata-se de uma cor-função que medeia o aparecimento da cor-*quale*. O filósofo afirma, igualmente, que a iluminação conduz o olhar ao invés de retê-lo. Para que o olhar possa ser guiado pela iluminação, para que a percepção se dê segundo o jogo de luzes é preciso supor “em nós um aparato capaz de responder às solicitações da luz segundo seu sentido [...], de concentrar a visibilidade esparsa, de terminar aquilo que é esboçado no espetáculo” (ibidem, p.358). Mais adiante, Merleau-Ponty (ibidem, p.359) escreve:

Nossa instalação em um certo ambiente colorido, com a transposição que ela acarreta de todas as relações de cores, é uma operação corporal, só posso realizá-la *entrando* na nova atmosfera, porque meu corpo é meu poder geral de habitar todos os ambientes do mundo, a chave de todas as transposições e de todas as equivalências que o mantém constante. (Grifo do autor.)

O corpo é o “instrumento geral” (ibidem, p.272) da adaptação ao mundo e da compreensão do percebido. Essa definição exige que o ato de apreensão do sentido percebido ocorra fora da esfera de um sujeito pensante, na sua “periferia”, diz Merleau-Ponty (ibidem, p.249). Esse “corpo cognoscente” (*corps connaissant*), definido pelo filósofo, tão pouco pode corresponder ao corpo da anatomia fisiológica. Numa passagem em que temos Paul Guillaume como referência, e na qual o fenômeno da iluminação continua sendo o tema de análise, Merleau-Ponty (ibidem, p.356-357) esclarece esse ponto com as seguintes palavras:

De fato, o psicólogo, por mais positivo que queira permanecer, sente muito bem que todo o valor das investigações indutivas

é conduzir-nos a uma visão dos fenômenos, e ele jamais resiste inteiramente à tentação de ao menos indicar esta nova tomada de consciência. Assim, P. Guillaume, ao expor as leis da constância das cores, escreve que o olho “leva em conta a iluminação”. Nossas investigações, em certo sentido, apenas desenvolvem essa curta frase. Ela não significa nada no plano da estrita positividade. O olho não é o espírito, é um órgão material. Como ele poderia alguma vez “levar em conta” o que quer que seja? Ele apenas é capaz disso se nós introduzimos, ao lado do corpo objetivo, o corpo fenomenal, se fazemos dele um corpo cognoscente e se, enfim, substituímos, como sujeito da percepção, a consciência pela existência, quer dizer, pelo ser no mundo através de um corpo.

O mesmo vale, por exemplo, na esfera do movimento. O olhar e todas as demais atividades desse corpo cognoscente operam “a correlação natural das aparências e do nosso desenrolar cinestésico” (ibidem, p.358). Em perspectiva, um olhar atento, interessado em realçar as aparências, encontra deformados os lados de um cubo. Mas, fora dessa *atenção crítica*, o cubo permanece um cubo em todos os momentos do meu giro sobre ele, assim como suas faces continuam sendo as faces de um cubo, com a sua forma constante. Isso porque cada fase do olhar dirigido ao objeto “menciona o ponto de vista atual do observador sobre ele” (ibidem, p.347). Noutro trecho, que convém citar, Merleau-Ponty (ibidem, p.349) comenta:

Se aproximo de mim o objeto ou se o faço girar em meus dedos para “vê-lo melhor”, é que cada atitude de meu corpo é de um só golpe, para mim, potência de um certo espetáculo, que cada espetáculo é para mim aquilo que é em uma certa situação cinestésica, que, em outros termos, meu corpo está permanentemente em posição diante das coisas para percebê-las e, inversamente, as aparências são sempre envolvidas por mim em uma certa atitude corporal.

No estudo da relação do corpo com o espaço, fica mais evidente a condição do próprio corpo como nível, ou sistema de

referência, fundamental. Quando Merleau-Ponty (ibidem, p.117) comenta que “o corpo próprio é o terceiro termo, sempre subentendido, da estrutura figura e fundo” é na medida em que sua eficácia na armação do campo perceptivo exige, no mais das vezes, sua neutralidade como objeto de percepção. Em outras palavras, a ambiguidade do corpo, no sentido que se dá ao caráter inarticulado do fundo, é um elemento originário na relação intencional envolvida no aparecimento das coisas.

O corpo, contudo, não é um fundo como os outros, nos ensina Merleau-Ponty. Ele está sempre presente como sistema de referência. Não há, inclusive, atividade humana, por mais “desencarnada” que possa parecer, como quando dormimos ou nos envolvemos com um problema abstrato de matemática, que não tenha o corpo como sujeito. Mas nosso corpo não se encontra diante de nós, de modo que sua inserção no espaço difere daquilo que se manifesta no campo perceptivo, como figura ou como fundo. Sua unidade também é distinta da dos objetos. Enquanto estes são compostos de partes exteriores umas às outras, o corpo expressa uma unidade intersensorial. Sua unidade é vivida, e testemunha da nossa inserção em um ponto de vista. Nosso corpo, além disso, não é movido, como os objetos, apenas por forças externas e mecânicas. Fazemos prova de um automovimento, ao qual incorporamos hábitos motores e instrumentos diversos. Outro ponto importante: o movimento corpóreo, “transporte mágico” (Merleau-Ponty, 2011, p.133) até suas metas, não se encontra subordinado a representações expressas dos órgãos e das condições motoras, nem mesmo daquilo a que se orienta. A regulação do movimento, dando continuidade ao que dizíamos há pouco, ocorre no meio de “mensagens” inscritas em um campo de tensões, e nada deve a relações de conhecimento. Segundo Merleau-Ponty, a forma de participação do corpo no campo perceptivo põe em xeque não apenas a conceituação tradicional de sujeito e objeto, e a cisão entre eles, mas igualmente a distinção entre percepção, considerada como atividade de um sujeito mental, e o movimento, tomado como deslocamento no espaço objetivo. Para o filósofo, a noção de esquema corporal, abordada pela psicopatologia, pela psicologia

experimental e pela psicanálise, é um instrumento conceitual que, como a ideia de *Gestalt*, pode servir à exploração do sentido da nossa corporeidade. Segundo Merleau-Ponty (2011, p.129), o corpo

[...] é esquema no sentido de 1) sistema de referência, aqui absoluto, não coisa no espaço ou conteúdo 2) totalidade que prescreve seu sentido às partes 3) sistema de equivalências intersensoriais imediatas 4) relação a um espaço exterior que faz sistema com ele, que ele frequenta.

Se pudéssemos acompanhar o desenvolvimento conceitual operado por Merleau-Ponty no trato do mundo percebido e do corpo mediante a exploração da estrutura figura e fundo, chegaríamos às noções mais tardias da sua filosofia, como o conceito de carne.<sup>13</sup>

### 3.9. O problema funcional

Resta tratar da organização perceptiva a partir dos aspectos funcionais da percepção. Confrontamo-nos, aqui, com o problema dos critérios segundo os quais se dá o ato intencional de visar eletivamente alguma coisa. A estruturação do mundo perceptivo, com a presentificação de figuras e a modulação do fundo, depende, primeiramente, do que Merleau-Ponty ([1942]/2006a), em seu livro de estreia, chama de estruturas do comportamento. No que diz respeito à estrutura de comportamento humana, chegamos à formulação de uma hipótese de investigação, relativa ao papel do outro na percepção.

É comum que os determinantes da percepção sejam divididos em duas grandes categorias: os estruturais e os funcionais. Por fatores funcionais da percepção entendem-se aqueles que derivam, primordialmente, do sujeito perceptivo, tais como necessidades e

---

13 Em certo sentido, este é o propósito do trabalho que realizamos no Capítulo 5 com base em discussões sobre o conceito de esquema corporal.

experiências passadas, enquanto os caracteres estruturais referem-se aos fatores da organização perceptiva próprios dos elementos presentes no campo ambiental de percepção, tais como semelhança e contraste, simplicidade e regularidade etc. Igualmente recorrente é a afirmação de que os psicólogos da *Gestalt* se dedicaram, basicamente, aos determinantes estruturais da percepção, negligenciando os fatores funcionais. Não é difícil, contudo, estabelecer a arbitrariedade daquela distinção, bem como identificar nos trabalhos dos principais expoentes da psicologia da *Gestalt* considerações decisivas acerca do papel, na percepção, de fatores tais como as características do organismo, a natureza do ego e a aprendizagem (Luchins, 1951).

No que diz respeito a Merleau-Ponty, não se pode afirmar que o filósofo trabalhe com a separação entre os aspectos estruturais e funcionais da percepção, nem que denuncie esta divisão nos trabalhos da psicologia da Forma. Suas críticas aos psicólogos da *Gestalt* centram-se na teoria do isomorfismo, adotada por eles. Segundo essa teoria, considerando que se encontram formas no universo físico, por exemplo, na distribuição de corrente elétrica em condutores elétricos, as formas vividas podem ser reduzidas a “réplicas interiores de formas externas do mundo físico, por intermédio das formas do sistema nervoso” (Merleau-Ponty, 2001, p.441). Neste caso, o mundo fenomenal seria a expressão de fenômenos de forma no sistema nervoso. Esta assunção naturalista implica, segundo Merleau-Ponty ([1942]/2006a), o abandono do exercício de realização de uma filosofia da forma. Deixa-se de pensar segundo a categoria de forma, na medida em que não se pergunta pelas possibilidades ontológicas que o conceito de forma exige, além de subsumir as estruturas biológicas e psíquicas a estruturas físicas.

A resposta de Merleau-Ponty ao isomorfismo delinea-se a partir da aproximação com autores como Weizsäcker, Buytendijk, Uexküll e Kurt Goldstein, que se dedicaram, em grande medida, a determinar os caracteres específicos do comportamento animal e humano em face do mundo físico. Uma breve apreciação das análises comparativas de Merleau-Ponty acerca daquelas especificidades levará ao problema dos aspectos funcionais da percepção.



Goldstein pergunta: “por que uma coisa é uma forma, uma *Gestalt*?” (Goldstein, [1934]/1983, p.298), “o que produz a forma?” (ibidem, p.299). Sabe-se que o organismo não reage às qualidades particulares de uma situação, mas aos seus aspectos estruturais, no sentido da teoria da *Gestalt*. É justamente o todo da situação que pode ser transposto. Köhler ([1929]/1980) relata experimentos sobre a invariabilidade das formas percebidas sob transposição em animais. Macacos e galinhas que aprenderam a escolher o mais escuro dentre dois objetos, quando expostos a um novo par de objetos, e de cuja composição participa o objeto mais escuro da série anterior, apenas o escolhem caso ele seja o mais escuro do novo par. Segundo Köhler (ibidem, p.118), fatos como este evidenciam que, “entre o estímulo e a reação, ocorre o processo de organização, em particular a formação de unidades-grupo em que as partes adquirem novas características”. Merleau-Ponty ([1942]/2006a), ao analisar estes experimentos, afirma que a presença objetiva do estímulo não constitui, necessariamente, uma parte real da situação. Em outras palavras, a eficácia de um estímulo não é determinada pela sua presença objetiva, mas pelo seu papel na configuração em que ele aparece. Este é o componente autóctone da estrutura da percepção, e está de acordo com a crítica da hipótese de constância. Mas isso não é tudo. É preciso considerar, como destacam Goldstein e Merleau-Ponty, as próprias estruturas orgânicas, que constituem unidades de significação distintas pelo caráter transitivo que revelam em relação ao ambiente. O equilíbrio da estrutura percebida não depende, nesse caso, tão somente de “condições presentes e reais”, mas de condições “virtuais”, diz Merleau-Ponty (ibidem, p.157), trazidas à existência pelo próprio sistema orgânico. O filósofo acrescenta: a estrutura “executa um trabalho fora de seus próprios limites e constitui para si um meio próprio” (ibidem, p.157). O meio de experiência é investido pelo organismo com significações vitais, de modo que a reação do organismo a uma situação global ocorre mediante a interiorização do meio pelo organismo, ou pela expressão, no meio, da “lei interior do organismo” (ibidem, p.174).

Esta análise funcional-biológica da percepção por parte de Merleau-Ponty encaminha-se para o problema da passagem da estrutura de comportamento animal à estrutura de comportamento humana. O conceito de multiplicidade perspectiva orienta as duas dimensões diferenciais abertas por Merleau-Ponty (ibidem) n' *A estrutura do comportamento*: a que distingue a forma simbólica de comportamento, própria do humano, das formas sincréticas e amovíveis, e a que separa a ordem humana da ordem vital. Ambas denotam a intenção de discriminar a diversidade de expressões de um perspectivismo radical (Bimbenet, 2011a), marca do comportamento ou da percepção animal em comparação à liberdade da percepção humana. Verifica-se, no comportamento animal, uma aderência imediata ao meio na medida dos *a priori* da espécie, com a polarização irremediável de todo aparecimento perceptivo sobre si. O meio animal, o seu *Umwelt*, apenas pode aparecer a partir da perspectiva biológica de cada espécie animal. Caso tomemos o cuidado de buscar compreender o animal a partir do seu modo próprio de ser, e não a partir de um mundo objetivo, concebido pelo ser humano, poderemos constatar que o ponto de vista do animal possui um caráter constituinte: ele “institui ativamente um ambiente” (ibidem, p.178) e, com base nessa visibilidade aberta, recebe “as informações que lhe concernem” (ibidem, p.178). É nesse quadro que se estabelece a percepção e a impercepção, a figura e o fundo possíveis da experiência animal, o gênero de ser que lhe compete. As experiências com chimpanzés relatadas por Köhler (1927) são expressivas a esse respeito. Os símios antropóides, especialmente os chimpanzés, diferentemente de qualquer outra espécie animal, são capazes de estabelecer relações mecânicas entre os meios e os fins de uma ação. Essa atividade depende de treino. Köhler habituou alguns chimpanzés a utilizar bastões para alcançar alimentos colocados do lado de fora de suas jaulas, e distantes do alcance dos braços. Numa variação dos experimentos, os animais não tinham nenhum bastão à disposição. Dentro da jaula, contudo, havia uma árvore, distante das grades, com três grandes galhos saindo do tronco. Alguns dos animais, depois de explorar bastante a jaula, tentando utilizar, inclusive, barras da grade, dirigem-se,

enfim, para a árvore, arrancam um galho e alcançam seu alimento. Köhler (ibidem, p.99), analisando a situação experimental, faz menção à dificuldade, para os animais, de “ver um galho como bastão *isolando-o* da árvore”. A árvore, inicialmente, é vista como um todo. A reconfiguração visual do espaço e, principalmente, do objeto percebido, que envolve o destacamento do galho como figura, implica a solução do problema ao qual os chimpanzés se encontram expostos. Ela depende de possibilidades próprias da espécie e, igualmente, da aquisição do hábito de utilização de bastões. Sem treinamento, os animais jamais chegam a estabelecer tal valor de uso aos bastões e galhos de árvore, e, portanto, não atingem aquela solução.

O comportamento humano, ao contrário, caracteriza-se, logo cedo no processo ontogenético, pelo descentramento na direção da constância e, mais além, da objetividade da coisa percebida. No experimento em questão, é lícito considerar que, para o chimpanzé, o braço de árvore, a partir do instante em que adquire o valor funcional de bastão, é suprimido como galho de árvore. No caso do humano, afirma Merleau-Ponty ([1942]/2006a, p.190), “o galho de árvore transformado em bastão continuará justamente um galho-de-árvore-transformado-em-bastão”, ou seja, uma única coisa com funções diferentes, “visível *‘para ele’* sob uma pluralidade de aspectos” (grifo do autor). Outra maneira de se referir à propriedade objetiva que as coisas podem adquirir para o olhar humano é dizer, como o faz Merleau-Ponty (ibidem, p.124), que as propriedades físico-geométricas do galho “estão virtualmente presentes nos estímulos”. No caso dos chimpanzés, por outro lado, estas relações jamais aparecem em estado puro, além de pressupor uma estruturação inédita da situação, facilmente encoberta por conexões biológicas mais fortes e estáveis. Não afirmamos, evidentemente, que o mundo humano seja constituído por conexões físico-geométricas, mas que, mediante uma modificação da nossa atitude natural, o mundo pode apresentar-se como mundo real e objetivo. Em outras palavras, este mundo objetivo é um gênero de ser que integra nosso campo de presença e que pode, naturalmente, configurar estruturas do tipo figura e fundo. Pode-se afirmar, ainda, que o mundo real e objetivo é um fundo

de presença disponível para nós. O equívoco, muito bem apontado por Merleau-Ponty, seria tratar a representação objetiva do mundo como realidade primeira, e, daí, explicar o comportamento e a consciência perceptiva a partir dele, quando, ao contrário, esta representação figura em nossa experiência como uma atitude possível por parte do sujeito da percepção.

O fato é que, mais do que uma presença natural do mundo, no sentido do cientificismo, orientamo-nos para a presença de uma realidade múltipla e independente de nós, atitude que Bimbenet (2011a, 2015) denomina realismo. É apenas com algum esforço que suspendemos esta atitude natural para notarmos que a multiplicidade perspectiva ainda é uma perspectiva, uma forma de olhar ou, justamente, uma atitude. Mais do que isso, é preciso considerar que continuamos sendo capazes de perceber implicitamente, sem saber que sabemos, ou de ver apenas aquilo que importa ou aquilo que podemos ver, permanecendo cegos para todo o resto (ibidem). Isso quer dizer que a função objetivante, ou presentacional, da estrutura figura e fundo, permanece condicionada às significações funcionais possíveis a partir de um esquema mental, se nos colocarmos, por exemplo, no registro ontogenético piagetiano (Piaget, 1964; Gurwitsch, 1957), ou a partir da estrutura psíquica, que permite certas percepções e exclui outras, conforme nos mostram análises psicanalíticas da percepção (Rouanet, 1987; Coelho Jr., 2016), ou, ainda, a partir dos hábitos sociais, para falar como Bourdieu ([1972]/2000). Como definir, então, aquilo que escapa aos esquemas ou à deformação cognitiva devida às defesas e aos hábitos sociais? A ideia de horizonte pode se revelar uma saída para o impasse, desde que recordemos que, para os fenomenólogos, o horizonte é, no limite, o próprio mundo, aquele da atitude realista, e que é vivido de forma intersubjetiva, ou social. O que me escapa pode não escapar ao outro. No outro, sobrevive a possibilidade de apresentação de novos objetos, de novos costumes, de novos códigos sociais, de novas perspectivas de percepção.

### 3.10. Considerações finais

-Nossa procura pelos fundamentos de uma concepção estrutural-fenomenológica da percepção em Merleau-Ponty centrou-se em três pontos principais. O primeiro deles refere-se à exploração da relação entre a propriedade presentativa da percepção e o campo da sua manifestação a partir de pressupostos fenomenológicos e gestaltistas. Na descrição fenomenológica da percepção, a manifestação perceptiva de objetos se dá num horizonte perceptivo e, por isso, envolve uma dinâmica de aparecimento e de encobrimento. O recuo dos horizontes interno e externo dos objetos denota a dimensão corpórea e, principalmente, motora da percepção. Esses princípios são compatíveis com a estrutura de figura e fundo, investigada teórica e experimentalmente pela psicologia da *Gestalt*. O segundo ponto baseia-se na crítica à hipótese de constância, que remonta aos esforços do movimento gestaltista para ultrapassar o sensualismo e estabelecer os pressupostos fundamentais da atividade perceptiva como configuração do campo de percepção. Os preceitos fenomenológicos correlacionados aos conceitos científicos gestaltistas permitem que Merleau-Ponty explore a fecundidade da relação entre aquilo que aparece e o seu contexto de aparecimento. Vimos que a emergência de uma figura, de um tema perceptivo, se dá a partir de um campo, e que o exame da “pertença” entre figura e fundo exige a tematização de algo que não se apresenta expressamente: a estrutura, ou nível perceptivo. Merleau-Ponty, além disso, confere ao corpo o papel de sistema de referência fundamental, que se revela principalmente em seus modos de presença recessiva. A modelagem do percebido pelo contexto não se dá sem a adaptação silenciosa do corpo ao mundo. Por fim, num terceiro ponto, mostramos que o campo de percepção envolve fatores funcionais. O arranjo gestáltico da presentificação do objeto percebido e do seu contexto perceptual depende de condições estruturais referentes ao sujeito percipiente e às suas condições concretas de percepção. Nessa medida, e no que diz respeito à percepção humana, não se pode deixar de considerar a multiplicidade perspectiva como uma forma de olhar, em que se atualiza o modo

mais próprio da nossa estrutura de comportamento. Esta, contudo, é igualmente determinada por nossos estágios de maturação psicológica, nossa história de estruturação da personalidade, nossos costumes sociais etc.

Na condição de seres que partilham um mundo comum, observa-se, continuamente, a participação do outro na reconfiguração do nosso campo de presença. O outro desafia nossos esquemas, nossas estruturas psíquicas cristalizadas e nossos hábitos sociais, de maneira que a intersubjetividade emerge como tema de primeira importância no avanço das pesquisas sobre percepção. Koffka ([1935]/1975) já indicava a possibilidade de comparar o papel desempenhado pelos níveis na estrutura espacial a “esquemas” (*schemas*) relativos a estilos, modas, maneirismos e até à moral. Nesses casos, diz o autor, os níveis particulares “também ‘colocam as coisas em seus lugares’” (ibidem, p.361). O efeito do nível, ou do esquema, sobre “a aparência das coisas [*appearance of things*]” (ibidem, p.362) é, portanto, observável em diversas esferas daquilo que Merleau-Ponty chama de mundo natural e de mundo social. Em *O mundo sensível e o mundo da expressão*, há pistas muito interessantes nesse sentido. Vê-se que a propriedade indireta e invertida da consciência perceptiva, tal como definida por Merleau-Ponty (2011), adequa-se não apenas à percepção de coisas, mas igualmente à “consciência da expressão”, ou “percepção social”. Na última parte do nosso trabalho, trataremos de questões referentes à percepção no âmbito do mundo social, além de reexaminar a filosofia de Merleau-Ponty com base no que chamaremos de ética da percepção.

